ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

AS AUDIOGRAFIAS COMO EXPERIÊNCIAS DE HISTÓRIA PÚBLICA: Possibilidades e desafios

AUDIOGRAPHIES AS EXPERIENCES OF PUBLIC HISTORY: Possibilities and Challenges

LAS AUDIOGRAFÍAS COMO EXPERIENCIAS DE HISTORIA PÚBLICA: Posibilidades y desafíos

Luiz Otávio Correa[1]
Juniele Rabelo de Almeida[2, 3]

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é retomar a discussão sobre o desenvolvimento das audiografias, uma forma de se fazer História através da utilização da linguagem do Rádio que possa ser distribuída nas várias redes virtuais e em emisoras de rádio. As audiografias dialogam com a História Oral, sem no entanto se confundir com esta. Partiu-se de uma entrevista com o senhor Ricardo Parreiras, radialista, realizada para uma outra pesquisa sobre a Rádio Inconfidência que se está desenvolvendo. Esta entrevista permitiu que problematizassemos também com a História Pública, desenvolvendo um novo experimento audiográfico que foi disponibilizado na página do projeto Paisagens Históricas.

[1] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Mestre em Ciências Sociais pela PUC-MG. Graduado em História pela PUC-MG. Pesquisador vinculado à Rede Brasileria de História Pública (RBHP) e Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/UFF). Email: lo.correa@hotmail.com.

[2] Doutora em História Social (USP) e mestre em História (UFMG). Pós-doutorado em História (UFMG). Pesquisadora efetiva do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (LABHOI/UFF). Co-coordena as atividades do Programa de Iniciação à Docência em História (PIBID-Capes/UFF). Integra a Rede Brasileira de História Pública (RBHP) e Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Professora do Instituto de História (IH/UFF). E-mail: junielerabelo@gmail.com.

[3] Endereço: Campus do Gragoatá Rua Prof. Marcos Waldemar de Freitas Reis, Bloco O, sala 505 24210-201 - Niterói – RJ, Brasil

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

PALAVRAS-CHAVE: Audiografias; história oral; história pública; rádio; Inconfidência.

ABSTRACT

The purpose of this article is to resume the discussion on the development of audiographs, a way to make history by using the language of radio that can be distributed in multiple virtual networks and radio. The audiographs dialogue with the Oral History, without, however, being confused with this one. This work started with an interview with Ricardo Parreiras, a radio broadcaster, conducted for another research on Radio Inconfidência that is being developed. This interview allowed us to also problematize with the Public History, developing a new audiographic experiment that made available in the page of the Paisagens Históricas project.

KEYWORDS: Audiografias; rádio; Inconfidência; Public History; Oral History.

RESUMEN

El objetivo general de este artículo es retomar la discusión sobre el desarrollo de las audiografías, una forma de hacer historia a través del uso del lenguaje del Radio que pueda ser distribuido en las varias redes virtuales y en radios. Las audiografías dialogan con la Historia Oral, sin, sin embargo, confundirse con ésta. Se partió de una entrevista con el señor Ricardo Parreiras, radialista, realizada para otra investigación sobre la Radio Inconfidencia que se está desarrollando.Esta entrevista permitió que problematizáramos también con la Historia Pública, desarrollando un nuevo experimento audiográfico que está disponible en la página del proyecto Paisajes Históricas.

PALABRAS CLAVE: Audiografia; Historia oral; Historia pública; radio; Inconfidência.

Recebido em: 30.05.2017. Aceito em: 12.07.2017. Publicado em: 01.08.2017.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

Introdução

A História tem dialogado com as novas tecnologias da comunicação e da informação, mas também tem redescoberto, por causa da facilidade de distribuição de produções das mais variadas, novas formas de construir o conhecimento histórico. A utilização das redes virtuais, que permitem a conversa de muitos com muitos, tem proporcionado uma verdadeira revolução no modo de se fazer História através de vídeos, da produção de imagens e da difusão de textos, cada vez mais abundantes, mas também perigosos.

Nós escolhemos trabalhar com o áudio, pois consideramos que esta forma de experimentar o mundo permite um trabalho sensível, um ato imaginativo, uma elaboração e re-elaboração interacional através da audição. Mas como poderíamos utilizar o áudio para fazer história? Como a linguagem do rádio poderia ser uma ferramenta para a divulgação dos trabalhos e da própria História do rádio, meio que conversa numa linguagem íntima com os seus interlutores ouvintes?

Há algum tempo estamos preocupados em desenvolver uma maneira de se utilizar a linguagem do rádio para realizar tal feito. De maneira experimental, estamos nos arriscando a tomar alguns elementos da História Oral, respeitando os limites deste gênero e desenvolvendo uma outra linguagem, às vezes perigosa, mas desafiadora e que também não se confunde com os gêneros radiofónicos tradicionais. Nossa proposta chamamos de "Audiografias" (CORREA, 2014). Lança-se assim um desafio de experimentar um gênero que nos permita dialogar com os meios de comunicação, tendo eles às vezes como objeto, como é o nosso caso, mas também com qualquer outro objeto, já que

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

os áudios (que são raros devido à falta de preocupação dos meios eletrônicos em arquiva-los), servem como índices para entendermos o passado nas suas várias dimensões e temáticas.

O nosso trajeto aqui passará então por três caminhos, afim de, no final, dialogarmos com a História Oral e com a História Pública. Em primeiro lugar, partiremos de uma entrevista realizada em 3 de outubro de 2016 com um radialista muito importante de Belo Horizonte chamado Ricardo Parreiras, que contribuiu para que nossa pesquisa sobre a Rádio Inconfidência fosse reconfigurada em grande parte, o que demonstra o potencial dialógico da História Oral na produção do conhecimento histórico. A partir das memórias deste senhor, que está na rádio desde 1948, pôde-se constituir um novo rumo para esta pesquisa, que ainda está em andamento, porque permitiu visualizar a rádio, não mais como um simples meio de comunicação, mas como um mediador nas relações sócio-culturais, de maneira diferenciada em cada momento do seu desenvolvimento histórico. Também permitiram ver como a rádio conversava com seus públicos e com a cultura no Estado de Minas Gerais, alimentando uma rede de práticas e representações das mais diversas e, por vez, interferindo nas relações de poder já que era a rádio oficial do Estado.

Em segundo lugar neste artigo, depois de fazer um breve relato de parte da entrevista, irá se fazer uma reflexão sobre a relação da História Pública com as audiografias, tendo em vista o debate sobre historiográfico entre Michael Frisch (2016, p. 40-53) e Linda Shopes (2016, p. 54-67) que publicaram, cada um deles, um texto no livro recém-lançado chamado *História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários(2016)* que problematiza o significado desta maneira de se fazer História e que vem ganhando espaço no meio acadêmico.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

Finalmente trataremos do desenvolvimento de uma experiência audiografia, que levará em conta o desenvolvimento dos elementos acima e ainda se disporá a dialogar com os meios de comunicação eletrônicos e virtuais, outras linguagens que nos fazem problematizar o fazer histórico, a maneira como se constrói as narrativas, e principalmente as dificuldades de lhe dar com o presentismo dos meios de comunicação de massa, pouco afeitos a uma discussão mais verticalizada sobre as dificuldades do fazer histórico nas suas dimensões dialéticas. De maneira que a nossa tarefa não é fácil e ainda estamos experimentando, tal como aceitamos aqui.

Fizemos então uma pequena amostra, uma produção sonora experimental de 16 minutos e publicamos no site *Soundcloud*[4] e também compartilhamos na página *Paisagens Históricas*[5], na rede social *Facebook*, um local de distribuição da produção que estamos propondo, mas também um projeto que pretende, para além da pesquisa da Rádio Inconfidência ser um centro de memória do rádio, de uma maneira ampla.

O senhor Ricardo Parreiras

No dia 3 de outubro de 2016 realizamos uma entrevista a que nos referimos acima. Nesta, o senhor Ricardo Parreiras dizia da sua experiência na Rádio Inconfidência. Contou-nos então da sua chegada à rádio, no seu momento mais glorioso e também como a emissora se relacionava com a cidade de Belo Horizonte, como interferia no cotidiano das pessoas e na vida social do Brasil daquele momento. Fizemos outras entrevistas, como por

[4] Link para o áudio na página do Soundcloud, um banco de sons: https://soundcloud.com/luizotaviocorrea/programa-ricardo-parreiras

[5] Link para a página no Facebook: https://www.facebook.com/historicaspaisagens/#

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

exemplo, com radialista Paulo Bastos (que há muito está na emissora também), mas vamos nos deter à entrevista com Parreiras, neste artigo, pois queremos desenvolver uma discussão sobre a construção da audiografia como um produto que adveio da entrevista com este último senhor. Eu o encontrei no estúdio da Rádio Inconfidência, onde ele havia acabado de gravar o programa *Clube da Saudade* que apresenta todas as noites na rádio. Além deste, ele apresenta o programa *Anos Dourados*, aos domingos, juntamente com Paulo Bastos que faz a programação musical dos dois programas.

Eu lhe perguntava, então, sobre o fato de que ele teria dito que o rádio era a maior invenção do homem. Ele me disse que o aparelho de rádio, em determinada época, era o centro de uma casa, uma espécie de vedete, um elemento importante nas formas de sociabilidade das famílias e diríamos também, a partir das pesquisas que estamos realizando, de toda uma comunidade, já que antes da popularização do rádio transistor, os pesados aparelhos eram compartilhados pela vizinhança nos bairros pobres e no campo. Por outro lado, o senhor Ricardo Parreiras nos dizia também que o fato do rádio não ter imagem lhe dá uma vantagem como meio eletrônico, porque ele permite a imaginação. A imaginação é a linguagem do rádio, mais do que o formato dos programas ou os efeitos criados por ele. O rádio permite criar imagens mentais, fazer o interlocutor trabalhar, realizar uma atividade sensível. Reproduzimos abaixo o texto em que ele fala sobre o assunto:

> E a pessoa ouvia o rádio e criava na sua imaginação- mas isto é até hoje hein, você veja que não mudou- a pessoa que ouvia o rádio criava a imagem. Por que o rádio é cego, então a pessoa cria aquela imagem. Vou dar um exemplo. Eu. Eu sou um comunicador, a pessoa nunca me viu e ouve a minha voz. Então ela formou na sua imaginação a imagem daquela voz que ela ouve toda noite. A voz do Ricardo Parreiras que ela criou, a imagem, e ela associa aquela imagem a um artista que ela ouviu no cinema. Um Arnold Schwarzenegger, um Brad Pitt. Então ela imagina e associa a imagem.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

> A voz dele faz lembrar o Brad Pitt. E ela vai acreditando naquilo, e acaba virando a imagem que ela criou mesmo. Eu estou falando isto para dar um exemplo. Ela ouve toda noite o Brad Pitt falando na rádio inconfidência, no programa Clube da Saudade. É a magia do rádio. As vezes esta mulher um dia, passou anos me ouvindo, com aquela imagem na cabeça. Um dia vai passando pela rádio e a amiga a chama para entrar. Vamos entrar aqui. Eu quero conhecer o Ricardo Parreiras, eu ouço ele há muitos anos. E chega la e me vê. Ela pode ter uma grande surpresa, ou pode ter uma grande decepção. Poxa não é o Brad Pitt que eu imaginava. É um merdinha de um homem feio! Deu para entender o que eu quero dizer? Então esta é a grande vantagem do rádio, que a pessoa cria. Na época das novelas, que era exatamente na época em que eu entrei para a rádio em 1948, até 66, nós tínhamos rádio-novela. Então a pessoa tá ouvindo rádio-novela e imaginando o cenário. A cena é passada na varanda de uma fazenda, no interior de Minas e todo mundo tem uma fazenda na imaginação. Todo mundo visitou uma fazenda do tio distante. Um dia ela foi visitar um parente numa fazenda e ela tem imagem daquela fazenda que ela conheceu e que fica introjetada na sua imaginação. Então a cena da novela está passando no varandão de uma fazenda. Ela criou então o cenário. Aí vem os atores:
>
> - Meu amor, eu te amo. Há quanto tempo nós não nos encontramos....
>
> - Ah amor você sumiu. Quanta saudade!
>
> E ela imagina uma moça tão bonita, loira. O rapaz de cabelo pretinho, o cabelo de lado, cortado. Camisa esporte. Então ela vai ouvir a história com aquela imagem na cabeça.

Portanto o rádio, principalmente antes do amplo consumo do aparelho transistor, desenvolveu um tipo de audiência coletiva e familiar, que criou um modo de vida, uma prática social que iria se modificar em função da segmentação das emissoras e da chegada da televisão, a partir dos anos 50 e com mais força nos anos 60.

Por outro lado, o caráter imaginativo do rádio ocorre também nos formatos simplificadores que são hegemônicos na indústria midiática, preocupados muitas das vezes, em encontrar fórmulas de arregimentação de audiências passivas. De forma que o rádio é sim uma forma de atividade sensível, mas sob determinadas condições históricas e circunstâncias de

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

interação, (THOMPSON, 1998; BOURDIEU, 1989). Estas circunstâncias são construídas por uma indústria, dentre as várias indústrias da cultura existentes e se modifica em função do desenvolvimento tecnológico, mudando de linguagem em função do tempo, da mesma maneira que se modifica a sua relação com os seus interlocutores-ouvintes.

As rádios se relacionavam com a cidade, com as comunidades, com o país. A Inconfidência era uma referência na cidade de Belo Horizonte. As memórias de Ricardo Parreiras nos permitem dizer sobre este processo de relação da emissora com a cidade de Belo Horizonte, a sua importância nos anos 40 e 50:

> Era uma diversão. Era um lugar de encontro. As pessoas vinham do interior, vinha conhecer, sentava no auditório e ficava lá. Eu ouvia isto lá em casa e agora estou vendo ao vivo. Era uma glória. Todo dia tinha programa humorístico. Tinham musicais. Tinha programa de curiosidades. Então era uma rádio eclética, né.

Sobre as interações e sobre o desenvolvimento destas circuntâncias de fala dos vários interlocutores, Ricardo Parreiras nos falava das inúmeras cartas que chegavam à redação, do interior de Minas, do Brasil, do mundo inteiro. Também os auditórios e as conversas geradas pelas comunidades alimentavam estas redes naquele momento. Os programas de auditório criavam os mitos radiofônicos que circulavam nas revistas e jornais da época, formando esta rede midiática onde o impresso completava o eletrônico e vice versa. Mas estas interações se davam a partir de relações desiguais, logicamente.

De tal maneira que, tal como um outro depoimento de Paulo Bastos que nos ajudou a compreender para que a emissora FM nasceu em 1979, o depoimento de Ricardo Parreiras nos abriu um outro olhar para esta pesquisa, demonstrando que o conhecimento histórico é concebido de maneira dialógica

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

e conversacional. Mas também nos atentou para o fato de que estas interações se dão de maneira desigual, principalmente quando o rádio era a mídia hegemônica nos anos 30 e 40. Isto nos leva à discussão historiográfica sobre o ato de fazer história e o papel do historiador neste processo, o que faremos na seção seguinte.

O que isto tudo nos diz da História Pública?

A rádio Inconfidência nasceu para ser um espaço da memória nacional, enquadrada pelas políticas culturais que foram adotadas por Getúlio Vargas e pelo governo do Estado de Minas Gerais e deve ser analisada como um fenômeno da História Social e Cultural, pensado para ser tanto como um canal de legitimação do poder, quanto como um mediador das práticas culturais nos vários contextos em que poderia ser analisada. Para realizar tal feito trouxemos para cá um debate que tem sido feito por alguns historiadores, principalmente aqueles ligados à História Pública, que também é o meu caso. Não iremos nos aprofundar na discussão, porque não caberia neste espaço, mas retomaremos alguns pontos e associaremos à nossa discussão sobre as audiografias.

Em um primeiro momento retomaremos aqui algumas das discussões de Michael Frisch que publicou, dentre vários outros trabalhos, um texto chamado *"história pública não é uma via de mão única, ou, de A Shared Autority à cozinha digital, e vice versa"* no qual ele retoma temas que já havia tratado antes, questões relacionadas às fontes históricas, a História Oral e a noção de autoridade compartilhada. Para ele, é estéril fazer a separação entre aqueles que produzem a História, os especialistas acadêmicos e aqueles que a consomem, a chamada audiência porque ela só pode ser construída de maneira

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

dialógica. Esta distância cria uma dicotomia entre o saber acadêmico e o saber não-acadêmico ou público que para ele não deveria existir. Desta maneira, o fluxo unidirecional que vem da academia, não possibilita uma conversa efetiva, um diálogo efetivo entre as partes constituintes do conhecimento histórico que transformaria a audiência num elemento ativo. Ao trabalhar com a História Oral, tal como nós tentamos fazer também, Frisch defende a criação de um movimento multi direcional que, segundo ele, permitiria melhor compreender o passado. Esta perspectiva é fundamental para se compreender a História Pública na sua capacidade de transcender a separação entre a produção e o consumo, entre historiador e o seu público ou entre a pesquisa e o produto.

Frisch remota a sua noção de autoridade compartilhada, termo que, para ele, passou a ser utilizado de forma generalizada e imprecisa em alguns momentos. Ele insiste que, no momento da produção de documentos orais há sempre um processo dialógico, um ato de co-autoria, que envolve todas as partes desta ação compartilhada. Quando isto não ocorre, estabelece-se uma cisão[6].

Frisch ainda nos chama a atenção para a revolução da digitalização das fontes que, segundo ele, nos permite livrarmos da dicotomia entre o cru e o cozido, entre as aqueles dados que podem ser disponibilizados no seu estado não processado e aqueles que são mediados por vários agentes, como historiadores, mas também por documentaristas, curadores de exposições e o nosso caso também ao que parece, que tornariam mais acessíveis e palatáveis

[6] Frisch nos apresenta, também neste trabalho, algumas experiências audiográficas, que são relatos de História Oral produzidos por trabalhadores de Atlanta em um programa radiofônico, uma experiência difícil de ocorrer no rádio, principalmente o comercial. Nesta experiência ele chama a atenção para a falta de uma conversa entre os entrevistados e os que são os especialistas, historiadores, colocados em um outro bloco e que teria a função de interpretar a fala dos depoentes.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

este material cru. Para ele, as novas tecnologias são capazes de criar bancos de fontes que devidamente indexadas e com os devidos sistemas de pesquisa produzidos por softwares podem transformar uma coleção crua em um portal "legível e explorável". (FRISCH, 2016, p.48)

Estes sistemas já existem de maneira muito eficiente no Brasil, gostaríamos de frisar. É o caso do site da Hemeroteca Digital Brasileira que tem sido imprescindível na pesquisa sobre a Rádio Inconfidência. Esta fenomenal ferramenta permite se buscar dados dos mais variados temas que envolvem a imprensa brasileira e está totalmente digitalizada e online, no site da Biblioteca Nacional.[7]

Mas o próprio Frisch, nos chama a atenção para o fato de que os meios digitais só existem em função da maneira interativa com nos damos com estes canais, o que exige ir além da busca e ter um perspectiva ativa no sentido de explorar estas possibilidades, para que possamos efetivamente compartilhar esta autoridade. Mas não são somente estas as dificuldades.

Dialogando com Frisch, Linda Shopes (2016) também tem demonstrado que a História Pública e a Oral guardam entre si parentesco e se aproximam hoje pelo predomínio da História Social e pela preocupação com as audiências, diante do desenvolvimento das mídias digitais. Desta maneira, a História tem se voltado em parte para as interlocuções e tem-se visto cada vez mais

[7] Há uma dificuldade de se trabalhar com os áudios devido a sua escassez. Se estas fontes não estão presentes, por que as rádios não se preocuparam em preservá-las, a memória dos programas e das rádios pode ser contada também através da sua ligação com jornais e revistas, que ampliavam as conversas provenientes do rádio. Então Ricardo Parreiras aparece nas imagens da Revista do Rádio, da Revista Alterosa, dos vários jornais que dedicavam boa parte do noticiário à vida dos artistas e radialistas das emissoras brasileiras.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

experiências de História para além da academia, dialogando com os públicos mais amplos.

Mas, como ela nos lembra, ao dialogar com estes públicos, a História, principalmente a Social, tem privilegiado um enfoque crítico que não tem sido aquele que é esperado pelo público leigo, acostumado a ver a História como algo fixo mais próximo do positivismo e baseada em eventos que se sucedem de maneira linear, a História dos grandes líderes, dos pioneiros, etc. Os historiadores pensam, por outro lado, numa interpretação da mudança de tempo, nos conflitos, nas relações de hegemonia, estrutura e agência, na relação entre dominantes e dominados e nos discursos implícitos naqueles que são oficiais ou não. "A história que rompe com esta compostura pode soar um tanto incômoda e a reação do público pode ser um tanto problemática para os profissionais". (SHOPES, 2016, p.63)

Para as audiografias que estamos propondo esta questão é fundamental. A análise do discurso tem uma noção importante que nos permite debater a construção dos gêneros do discurso: O contrato de comunicação. Segundo Charaudeau o contrato é a "condição para os parceiros de um ato de linguagem se compreenderem minimamente e poderem interagir, co-construindo o sentido, que é a meta essencial de qualquer ato de comunicação". (CHARAUDEAU, 2006, p.130) Nesta perspectiva, são levadas em conta as situações comunicacionais, na qual interferem tanto as questões psíquicas quanto as questões sociais, ascircunstâncias nas quais se fala, a partir de uma memória coletiva e histórica. Elas constituem, no caso das mídias, os gêneros (como o publicitário, o de entrevista, etc). Se pensarmos que as audiografias têm um contrato e que formam um gênero, temos que ver, historiadores que somos, quais serão os tratados deste contrato, no diálogo com os interlocutores

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

amplos das audiografias, bem como as escolhas, caminhos e as próprias as relações conflituosas advindas desta negociação, nas condições que temos.

A questão aqui é que, reconhecendo que historiador tem tomado, e nós também, como ponto de partida a História Social e Cultural, as audiografias se diferenciam como gênero de uma perspectiva linear que tem sido comum em certas narrativas de programas radiofônicos, pouco problematizadas, aproximando-se da História positivista. Este contrato talvez não seja o esperado por uma determinada audiência que vê assim o fazer histórico, talvez pela maneira como as mídias eletrônicas tem o tratado. Mas é uma hipótese apenas, já que os interlocutores ouvintes também não são instâncias prontas, não são objetos a serem definidos e manipulados pelas estratégias de captação. São interlocutores, que podem e devem, através das várias formas de interação, interferir neste diálogo. De maneira que, mesmo sabendo desta dificuldade, consideramos ser viável encontrar um modo de fazer uma História problematizada através das audiografias.

Por outro lado, retomando a noção de compartilhamento da autoridade desenvolvida por Frisch, Linda Shopes demonstra a preocupação de que o historiador possa se transformar num mero "amanuense", falhando "em exercer a autoridade da compreensão histórica fundamentada, em levantar questões difíceis, em trabalhar contra o grão da incompreensão popular". (SHOPES, 2016, p. 65). Mesmo reconhecendo que a ética da colaboração guarda um elemento democratizante, ela alerta que o historiador não pode se isentar da autoridade da compreensão histórica fundamentada em um trabalho exigente e rigoroso.

Este é um caminho que optamos no momento de produzir as audiografias, pois consideramos que o historiador continua a exercer papel

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

fundamental neste processo de construção historiográfica. Isto não significa deixar de reconhecer que as entrevistas e as próprias audiografias são realizadas sempre de maneira dialógica, produzidas a várias mãos, com os vários elementos que a constituem e por este motivo começamos a nossa discussão com a entrevista de Ricardo Parreiras. Significa, sim, que este diálogo pode ser, ao mesmo tempo, dialógico e problematizador, como aprendemos a fazer a História Social e Cultural, para além dos produtos que nos oferecem alguns programas radiofônicos da mídia eletrônica tradicional, que não se sente na obrigação de construir a História desta forma.

Linda Shopes corrobora com a perspectiva de que existem enormes possibilidades trazidas pela virtualização do fazer histórico e lembra as exposições e arquivos online, a produção audiovisual, os mapas históricos interativos e hipertextuais, e os vários materiais que tem revolucionado a maneira como lhe damos com as fontes. No entanto há, segundo ela, um descompasso entre a eficiência e a rapidez dos meios digitais e as formas de escuta e a reflexão que são práticas dos historiadores orais.

Para as nossas pretensões com as audiografias esta questão também é importante. O nosso tempo não é o tempo sem tempo da indústria do rádio, mídia do tempo presente, mesmo antes da chegada das TIC´s, nem o da lógica das indústrias midáticas, marcadas pela aceleração do tempo e pela pouca problematização das questões ligadas à memória[8]. Escutar é vital neste processo, um tempo que as redes virtuais e as mídias eletrônicas tem que

[8] Como já dissemos em trabalho anterior, baseando-se nas discussões de Marialva Barbosa, há um processo de presentificação do tempo que se manifesta pelas comemorações oficiais, em que as informações são difundidas como espetáculo. (BARBOSA, 1995) O tempo ordinário e o imediatismo oralizado do rádio, em primeira instância, coloca-o como uma mídia do tempo sem tempo, uma dimensão linear, uma sequência dos fatos e de eventos que são dados como realidade.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

comportar também, se quisermos fazer História. Daí que novas formas de distribuição são extremamente importantes. Voltamos à questão do contrato, do gênero, e das circunstâncias de que estávamos falando. As mídias digitais e as redes sociais virtualizadas permitem uma nova circunstância que antes não existia.

Finalmente sobre as possibilidades do cru ou do cozido a que se refere Frisch, consideramos justa a proposição de Shopes de que o compartilhamento ou disponibilização de um determinado material, nem sempre ajuda na reflexão crítica. Para ela, um acesso sem mediação pode "aumentar exponencialmente as chances de má interpretação, intencional ou não". (SHOPES, 2016, p. 65) Isto não significa que experiências como a da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional não sejam válidas, mas que o Historiador, a nosso ver, ainda tem uma função importante na construção do saber histórico, o que também não exclui aqueles que não são especialistas mas que, dialogando com as questões historiográficas, sejam capazes de desenvolver narrativas com os elementos apontados acima.

Cozinhando um pouco

Tendo em vista estas preocupações, passaremos então a analisar as nossas audiografias, especialmente a última que iremos privilegiar aqui. Já realizamos três experiências que foram se modificando ao longo da trajetória de dois anos.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

Na primeira proposta audiográfica focamos a Brasileiríssima, a emissora FM da Rádio Inconfidência, fundada em 1979[9]. Estruturalmente escolheu-se trabalhar com uma narração que apresenta a pesquisa, os objetivos e o contexto histórico que trabalhávamos que era a redemocratização do Brasil. Para construir a narrativa, pensou-se na inserção de fragmentos de composições que eram privilegiadas na programação da emissora da época, como o samba *"Tô Voltando"* de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, interpretada por Simone e adotada como Hino da anistia em 1979[10].

Tratou-se também do crescimento das emissoras FM no Brasil, em meio à ditadura, e da segmentação do rádio que se iniciara duas décadas antes, mas principalmente depois da chegada e hegemonia da televisão como principal mídia eletrônica. De maneira que se procurou inserir a emissora em seu contexto mais amplo, experimentando dialogar com as composições e outros elementos do seu tempo.

Na segunda experiência entrevistamos o senhor José Vidal Coelho, um senhor que conhecemos no centro de Belo Horizonte, que tem 70 anos, e que há "50 anos não larga o radinho".[11] Nesta segunda proposta não há uma narração ao longo do programa, como na primeira audiografia. O senhor José nos relatava que preferia ouvir as emissoras AM, principalmente aos domingos pela manhã, quando escuta sempre o programa *Anos Dourados*, a parceria de Ricardo Parreiras com Paulo Bastos a que nos referimos antes. Além de falar sobre a Rádio Inconfidência, o senhor José Vidal Coelho também relatava a sua experiência pessoal com os aparelhos de rádio, os vários que teve, cada um

[9] Cf. no link: https://www.facebook.com/historicaspaisagens/posts/1074190402672978
[10] Cf.: Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. **Maurício Tapajos.** Link para a página: http://dicionariompb.com.br/mauricio-tapajos/dados-artisticos . Acesso em 30-05-2016.
[11] Cf. no link: https://www.facebook.com/historicaspaisagens/posts/1075922509166434

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

com uma história. O seu depoimento vai se conectar ao de Ricardo Parreiras, no que diz respeito do fato de que a linguagem do Rádio permite imaginar, uma peculiaridade deste meio eletrônico.

Existem diferenças entre o formato da primeira e a segunda experimentação. A primeira tem uma narração em off que expõe a pesquisa, entremeada a outros textos que compõem a estrutura do programa. Na segunda experiência tenta-se deixar que o entrevistado, que não existe no primeiro programa, fale. Então propõem-se ali uma audiografia verdade[12], onde a fala do depoente é quem direciona a narrativa. As memórias do senhor José Vidal Coelho são o esteio para a construção do conhecimento histórico. No entanto cabe ao produtor do programa, além de realizar a entrevista, dialogar com o "cru", nas suas várias instâncias de produção, inclusive na edição, tecendo uma narrativa construída a partir da fala do depoente. Não se pretende, portanto, uma linguagem inocente. Deixa-se claro que há uma construção de um produto, que é o resultado deste diálogo.

Na terceira experiência, motivo desta reflexão, buscou-se um equilíbrio na construção da narrativa,[13] Depois da vinheta,[14] a mesma utilizada em todos os programas, apresenta-se o entrevistado e também a rádio Inconfidência no contexto da sua inauguração e no seu momento áureo, quando Parreiras foi descoberto em 1948. Privilegia-se a relação da emissora com o modo de vida e as práticas culturais dos trabalhadores na primeira metade do século XX.

[12] Uma referência ao Cinema Verdade, guardando as diferenças entre o imagético e audiográfico.
[13] Cf. no link: https://www.facebook.com/historicaspaisagens/posts/1373213709437311
[14] As vinhetas trazem personagens importantes do rádio mineiro e também uma peça publicitária que faz parte da experiência auditiva de várias gerações, um jingle gravado por Dircinha Batista e composto por Antônio Maria nos anos 40 para o medicamento Auricedina, e que sobreviveu a várias gerações.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

Na segunda parte da audiografia, colocamos um trecho do depoimento de Ricardo Parreiras, que já citamos neste trabalho também. Para dialogar com o depoimento, enxertamos um samba de Herivelton Martins, gravado por Carmem Miranda em 1938, chamado *Meu rádio e meu mulato* e que diz do tema que estamos tratando.

Durante a fala do narrador tem-se como *background*[15] uma composição de *Tommy Dorsey* intitulada *Opus One*, gravada pela sua orquestra nos anos 40 e que Ricardo Parreiras faz referência no seu depoimento que recolhemos, quando trata das orquestras da Rádio Inconfidência e das *Big Bands* daquele momento no período em que se concentra o programa e que antecede a hegemonia da televisão.

De tal maneira que há um diálogo entre os textos e é função do narrador, historiador, amarrar o tecido que se construiu ao longo do programa. Nesta terceira edição, então, procurou-se um maior equilíbrio entre os vários textos que compõem a estrutura do programa e a narrativa histórica que estamos buscando.

O Assado... ou as considerações finais

Pensando nestas experiências a partir da História Oral, poderíamos pensar que as audiografias utilizam importantes ferramentas que muito contribuem para que se possa pensar numa metodologia para as produções que está se propondo. Várias das preocupações presentes na História Oral estão presentes aqui e poderia se dizer, tal como a História Pública, as

[15] Chamado também de BG, é um áudio utilizado em segundo plano que acompanha a narração dos locutores nos programas.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

audiografias estariam ligadas a ela. Preocupa-se nas audiografias com a História Social e Cultural e com os problemas que cercam estas perspectivas historiográficas. Mas são experiências diferentes da História Oral, marcada por um procedimento bem específico, que nós tomamos aqui nas audiografias em parte, mas ao trazer os elementos presentes no rádio tradional, as fazem diferenciadas como gênero.

Mas também as audiografias não são programas de rádio, pelo menos os que não se preocupam em problematizar a História e que a apresenta como uma sucessão linear de fatos, apesar de utilizar muitas das ferramentas que a linguagem do rádio nos oferece. Mas, como historiadores, somos chamados ao dever ético de ver (e ouvir) os silêncios, os enquadramentos, os incômodos e os conflitos, que geralmente a indústria midiática prefere ocultar, para não causar problemas com as audiências amplas. De maneira que, dialeticamente através do diálogo, tão caro aos historiadores de História Oral, vai se tecendo a rede que tem que dar conta também de uma forma de abordagem que vê a Rádio Inconfidência como uma porta-voz do poder, de um tipo de Memória Nacional enquadrada pelo Estado Novo depois de 1937. A emissora era a rádio oficial do Estado de Minas Gerais e muitas vezes foram utilizadas como um instrumento de poder.

Como historiadores não podemos negarmos a fazer esta problematização, nem temer dialogar com estranhamento tão raro no rádio comercial que faz um tipo de uso de memória, pouco problematizadora, perigo que nos chama a atenção Shopes, quando fazemos uma História Pública. Criamos então um contrato diferente daquele que é hegemônico nos meios de comunicação comercial, que ainda insistimos a chamar de massa, apesar de toda a segmentação do mercado e das redes virtuais, muito dependentes dos

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

índices e de audiência e que muitas vezes faz uso do sensacional como uma estratégia de captação, tal como nos ensina a análise do discurso. Não se pode, também, negar-se à autoridade da construção deste diálogo, mesmo que se tenha em mente que as audiografias são construções coletivas, que podem e que devem ser colaborativas e interacionais.

Finalmente, falando das redes colaborativas, nós criamos uma página chamada *Paisagens Históricas*[16], uma referência às chamadas paisagens sonoras, as experiências de ambientação de Murray Schafer (2001). Neste espaço, ou dispositivo, dialogamos tanto com as audiografias quanto com outros textos, imagens, canções e biografias de artistas, radialistas e agentes do Rádio. Por isto, optamos por uma página no *Facebook* sem, no entanto, negar a possibilidade de que as audiografias sejam veiculadas no rádio hertiziano. Muito antes pelo contrário, é o que queremos. Mas para isto ocorrer, preferimos que o formato seja construído com um pouco mais de independência e liberdade e que seja produzido e distribuído com todas estas preocupações que apontamos acima.

Na página são reunidos, predominantemente, elementos que estão na tese que estamos construindo sobre a Rádio Inconfidência. Mas não só. Na nossa pesquisa sobre a emissora, utilizamos a Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional que nos oferece um fenomenal sistema de busca do seu grandioso acervo de revistas e jornais, que alimentam também a página do *Paisagens Históricas*, não somente com referências sobre a Rádio Inconfidência, mas também sobre outras rádios de Minas Gerais e do Brasil. Como estratégia de captação esperamos que você leitor a visite, para que possamos efetivamente conversar sobre o significado das audiografias e da História Pública.

[16] Na rede social Facebook: https://www.facebook.com/historicaspaisagens/#

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Agosto. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p102

Referências

BARBOSA, Marialva. **Senhores da Memória. Tese Titular, Universidade Federal Fluminense, 1994; Imprensa, Poder e Público**. Tese Doutorado em História, UFF-ICHF, 1995; Memória e Tempo. Texto final de pós-doutorado.

BOURDIEU. Pierre. **O Poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1989.

CHARAUDEAU, Patrick. MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** Trad. Fabiana Komesu. 2º. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CORREA, Luiz Otávio. As Audiografias: uma conversa histórica através dos sons. **Resgate**- UERJ. VOL. XXII, N.28 - JUL./DEZ. 2014 - P. 73-80. Disponível em: www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/download/390/365. Acesso em 29 de maio, 2016.

FRISCH. Michael. História pública não é uma via de mão única, ou, De A Shared Authority à cozinha digital, e vice-versa. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. (Orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. (Orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SHOPES, Linda. A evolução do relacionamento entre história oral e história pública. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo. (Orgs.). **História Pública no Brasil: Sentidos e itinerários.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

THOMPSON. John. **Midia e Modernidade: uma teoria social da mídia.** Trad. Leonardo Avitrizer. Petrópolis: Vozes. 1998.